

terrasdabeira

Imprimido em 28-12-2015 17:14:10

Jornal TERRAS DA BEIRA

Edição de 24-12-2015

Versão original em:<http://www.terrasdabeira.com/index.asp?idEdicao=954&id=48251&idSeccao=8510&Action=noticia> >

SECÇÃO: Opinião

História antiga

O Lobo já tinha mais anos do que se lembrava; mas, mesmo assim, a longa jornada ainda não o cansara. Haviam passado por desertos, saciado a sede em oásis, acampado nas tendas erguidas pelos criados do mestre em redor de fogueiras que esconjuravam os medos e o frio da noite arábica.

Sim, o Lobo tinha um mestre. Não um “dono” entenda-se; por muitos anos e aventuras que passassem juntos, aquele homem e aquele lobo nunca seriam dono e coisa possuída – o lobo mantinha muita da sua natureza original e o homem era sábio de mais para tal contrariar. Teria o predador sido recolhido ainda lobacho e adestrado até largar as ânsias selvagens e crescer como guarda fiel? Ou começara a acompanhar o velho numa das suas viagens, aceitando de quando em vez um pouco de comida, depois uma festa... e acabando por seguir a caravana? Os servos contavam entre si estas e outras histórias. Mas nunca perdiam nem o espanto nem o medo por viajarem em semelhante companhia.

A presente demanda era apenas mais uma, note-se. O mestre emergira da torre onde gastava horas sem fim a estudar astros e mapas, declarando que deviam fazer-se ao caminho, pois ele tinha obrigações inadiáveis, bem longe dali.

Mas naqueles tempos qualquer viagem era empresa arriscada. E esta não foi excepção: quando os homens desenrolavam os panos das tendas, uma horda de salteadores desceu sobre eles. Os guardas do mestre eram tão ferozes quanto os bandidos e contavam com a ajuda do Lobo. Mas, face a tantos facínoras, acabaram por retirar, abandonando parte das bagagens e levando consigo o mestre.

O Lobo ficou para trás, protegendo a fuga. Na confusão escura da refrega, ia distribuindo dentadas, aqui num braço, ali numa nádega. Aterrorizados por um inimigo que não viam, os assaltantes acabaram também por partir, numa inútil perseguição a pé ao que restava da caravana.

O Lobo, bom observador, reparou logo numa desgraça: de um dos camelos caíra na areia um saco de couro que pertencia ao mestre. Pior: ele dissera ao Lobo que ali seguia um objecto importante, sem o qual toda a viagem perderia o sentido. Nada havia a pensar, apenas a fazer: o forte animal abocanhara as alças do saco e começou a arrastar o pesado tesouro.

Não cabe aqui o relato de todas as peripécias que o assolaram durante a jornada em busca do mestre (este já dava o seu companheiro por morto, tamanha a demora do reencontro): sempre guiado pela bússola do instinto, galgou dunas e penedos, evitando as cidades, bebendo e comendo onde podia, sem nunca largar de vista o saco.

Ele sabia que iria ver o mestre de novo. E assim foi; ao chegar a um monte, ouviu uma língua e vozes familiares, vindas do outro lado: estava ali a comitiva de que se separara. Quase em trote feliz, o Lobo aprestou-se para cumprir os últimos metros antes da alegria. Era de noite, mas abundava uma claridade forte e quente. E foi assim que ele viu o cão, ainda bem longe. Sem medo, aproximou-se.

– Amigo cão, não receies, que venho em paz. – Já estávamos longe dos dias das fábulas, quando as pessoas dialogavam com os animais. Mas estes ainda se entendiam uns aos outros; sobretudo entre parentes chegados, como era o caso.

– Ná. Eu conheço bem as manhas dos lobos. Há anos que guardo o rebanho do meu dono e já tive de expulsar muitos de vós. – Então, o lobo reparou na grossa coleira de ferro, com bicos, que o mastim trazia ao pescoço. – Mas tu estás bem alimentado, com pêlo bonito; não te pareces lá muito com os lobos escanzelados daqui...

– Repara – retorquiu o Lobo –, esta noite tem algo de especial: tanta luz, mesmo sem Lua. Não quero lutar numa noite assim. Escolta-me então até ao meu mestre, por um caminho que passe longe das tuas ovelhas.

O cão pensou naquele estranho lobo, vindo de tão longe, não para roubar borregos, mas para oferecer um qualquer tesouro num saco. Acabou por aceder. E lá seguiram eles, orelhas ainda baixas, meio desconfiadas, rumo à luz e aos homens.

Foi assim que o ouro chegou a tempo de ser oferecido ao Menino que acabara de nascer.

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.

© 2003 Terras da Beira - Produzido por ardina.com, um produto da Dom Digital.

Comentários sobre o site: webmaster@domdigital.pt.

[Fechar](#)